

Diogo Bogéa



Universidade do Estado do Rio de Janeiro -
UERJ

diogobogea@hotmail.com

Submetido em: 26/01/2023

Aceito em: 12/04/2023

Publicado em: 10/05/2023

 [10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14924](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14924)



ENTRE A DITADORA DA IDENTIDADE E A MAESTRINA DA SINGULARIDADE: DESAFIOS DA FORMAÇÃO HUMANA

RESUMO

Nesse trabalho apresentamos a noção de circunstância maestra: uma prática artística capaz de reger a multiplicidade de impulsos e afetos que compõem uma pessoa. Partimos de uma ressignificação da noção de “humano” a partir da filosofia de Nietzsche, que apresenta o humano não mais como sujeito racional e consciente, mas como multiplicidade de impulsos, circunstâncias e afetos.

Palavras-chave: Formação humana. Impulsos. Singularidade.

BETWEEN THE DICTATOR OF IDENTITY AND THE CONDUCTOR OF SINGULARITY: CHALLENGES OF HUMAN FORMATION

ABSTRACT

In this paper, we present the notion of conductor circumstance: an artistic practice capable of conducting the multiplicity of impulses and affections that compose a person. We start from a redefinition of the notion of “human” based on Nietzsche's philosophy, which presents the human no longer as a rational and conscious subject, but as a multiplicity of impulses, circumstances and affections.

Keywords: Human Formation. Impulses. Singularity.

ENTRE LA DICTADORA DE LA IDENTIDAD Y LA MAESTRA DE LA SINGULARIDAD: DESAFÍOS DE LA FORMACIÓN HUMANA

RESUMEN

En este trabajo presentamos la noción de circunstancia maestra: una práctica artística capaz de dirigir la multiplicidad de impulsos y afectos que componen a una persona. Partimos de una redefinición de la noción de “humano” a partir de la filosofía de Nietzsche, que presenta al humano ya no como un sujeto racional y consciente, sino como una multiplicidad de impulsos, circunstancias y afectos.

Palabras Clave: Formación Humana. Impulsos. Singularidad

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar a formação docente em uma perspectiva humana impõe imediatamente um primeiro desafio: que será, afinal, “humano”? Os livros de história nos mostram que são humanas as guerras e as enfermarias, são humanas as tiranias e as revoluções, são humanos os carrascos e as vítimas, os esportes e as artes, os que produzem e os que censuram obras filosóficas, os que afagam e os que apedrejam, os que acolhem e os que abandonam. São humanos as lágrimas e os sorrisos, os ódios e os amores, os prazeres e as dores. Humanos, todos demasiadamente humanos.

Diante da incrível variedade de possibilidades de expressão da humanidade, torna-se uma tarefa difícil definir o que seja propriamente “humano”. E, no entanto, a tradição ocidental, desde a Atenas Clássica, com sua tríade fundadora Sócrates, Platão e Aristóteles, até o indivíduo empreendedor-consumidor contemporâneo – passando pelo iluminismo que coroa o projeto moderno de subjetividade e pelo medievo cristão – tem investido numa concepção bastante simples de humanidade: para essa tradição o que distingue o ser humano dos demais animais é a *razão*. O uso consciente da razão seria, portanto, a expressão máxima da nossa verdadeira essência: uma instância imaterial chamada, segundo as circunstâncias, de alma, espírito, intelecto ou mente. Essa “alma”, como descendente original do mundo das ideias ou como criada à imagem e semelhança de um Deus perfeito, guarda as marcas dessa origem divina: é supostamente una, idêntica a si mesma, indivisível, livre e eterna.

Vem dessa tradição que se sedimentou para nós como uma espécie de “pré-compreensão” do mundo, como dizia Heidegger (1999), nossa crença no “eu” como centro de comando racional e consciente. É essa tradição que fala em nós quando afirmamos “Eu” “sei o que quero, o que fiz, sou livre e responsável por isso, (...) posso dar o nome de todas as possibilidades morais e todos os movimentos interiores que precedem um ato; (...) — nisso eu compreendo a mim” (NIETZSCHE, 2004, p. 86). É esta concepção que embasa as onipresentes preocupações pedagógicas com a “formação para a autonomia”, para a “liberdade” ou para a – repetida à exaustão – produção de “sujeitos críticos e reflexivos”.

O grande sucesso dessa concepção de humano talvez revele mais do que um mero lance de dados do acaso. Afinal, ela alimenta o aparentemente inesgotável narcisismo da espécie que, nos mais diversos tempos e lugares produziu mitologias que a colocavam repetidamente no centro do universo e, não raramente, como uma favorita dos deuses. Em um belo texto de 1917, Sigmund Freud aponta as três “afrontas narcísicas” que a espécie

teria experimentado até então. Afrontas advindas de algum ganho de conhecimento quanto a sua situação real – e a conseqüente revelação da discrepância abissal que geralmente existe entre a realidade e nossas fantasias.

A primeira afronta narcísica, diz Freud, é de ordem cosmológica. Deve-se às descobertas de Copérnico, Kepler e Galileu que nos mostraram que a Terra onde vivemos não é o centro do Universo. A Terra está em movimento, gira ao redor do próprio eixo e ao redor do sol. O século XX nos mostraria ainda que nem mesmo esse sol é o centro do Universo. O Universo é infinito ou ao menos incomensurável, de maneira que estamos vagando neste “pálido ponto azul”, como certa vez bem colocou Carl Sagan, como um grãozinho de poeira estelar destinado a, cedo ou tarde, desaparecer. A segunda afronta narcísica viria no século XIX com Charles Darwin. Ainda que não fôssemos o centro do Universo, podíamos viver imersos na ilusão de sermos fruto de um “design inteligente” que teria nos colocado no mundo para reinar soberanos sobre os animais. As expedições, pesquisas e as longas elaborações de Darwin nos mostraram que nossa espécie passou por um longo processo de “evolução”, isto é, um longo processo de mutações aleatórias e adaptações que resultaram em sucesso reprodutivo. Somos na verdade descendentes de um ancestral comum a todos os primatas, ou seja, para todos os efeitos, somos também animais. A terceira afronta narcísica estaria vindo com a própria psicanálise e a descoberta de que os motores fundamentais dos nossos modos de ser e de agir são forças inconscientes sem qualquer “centro de comando” que possa controlá-las ou mesmo conhecê-las em sua totalidade. Na formulação freudiana, essa ferida narcísica consiste na descoberta de que “O Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 2010, p. 186).

Vamos a partir de agora explorar as conseqüências dessa terceira ferida narcísica tal como apresentada por um dos precursores de Freud, Friedrich Nietzsche. Nos interessa pensar as possibilidades educacionais que essa imagem de humano – não mais ancorada na suposição de sujeito racional e consciente, mas em forças, impulsos e afetos majoritariamente inconscientes – pode proporcionar.

O QUE É UM “EU”?

Acolher a terceira afronta narcísica apontada por Freud passa pelo exercício de pensar uma nova imagem do “eu”, não mais centrada na razão e na consciência e sim nos impulsos, pulsões e afetos. Tal mudança de perspectiva opera algumas transformações fundamentais em nossa concepção de “eu” – e, conseqüentemente, de “humano”: ao invés da unidade de uma alma própria, uma multiplicidade de impulsos e afetos; ao invés da

indivisibilidade (do in-divíduo), a rede de relações entre impulsos, afetos e circunstâncias; ao invés da simplicidade e da identidade da alma, a complexidade das articulações entre diversos impulsos, afetos e circunstâncias; ao invés do fechamento ensimesmado, a abertura constitutiva; ao invés da eternidade, a assunção da mortalidade.

Em 1818, um jovem de apenas 30 anos desferiria um duro golpe na tradição racionalista ocidental. Com a publicação do livro *O Mundo como vontade e representação*, Arthur Schopenhauer desloca – ou mesmo destrói – o privilégio da razão e da consciência que reinaram absolutos na tradição ocidental de Sócrates a Hegel – privilégio que influenciou decisivamente todas as nossas teorias e práticas educacionais, jurídicas, sociopolíticas e cotidianas. Schopenhauer apresenta uma imagem do mundo perturbadora: em sua essência, o mundo e tudo o que existe no mundo é movido por uma força cega, inconsciente, sem princípio nem fim, sem razão ou sentido: a *vontade*. É também essa força que, em seu movimento implacável e irrefreável, co-move os humanos no nível mais fundamental de nossas existências. Entre o trágico e o cômico, na busca sem fim de objetivos levados, a cada momento, muitíssimo a sério, a vida humana oscila como um pêndulo, “para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 368). A razão, a consciência, o intelecto? Apenas *mechane* (SCHOPENHAUER, 2005, p. 217), mecanismos, máquinas, ferramentas engendradas e utilizadas pela própria vontade a fim de prosseguir um minuto a mais em seu movimento insaciável.

O mundo descrito por Schopenhauer teria uma influência decisiva no jovem Nietzsche que, filho e neto de pastores, desde a adolescência vivia em atormentadores conflitos entre a fé e a razão, a teologia e a filosofia, a insatisfação com a eterna infantilidade das fábulas religiosas por um lado e com a frieza insensível das ciências naturais, por outro. A partir da leitura de Schopenhauer, Nietzsche se tornará ele próprio um pensador da vontade, dos impulsos, das fantasias e dos afetos, passando a atuar na construção dessa nova imagem de humano. No livro *Além do Bem e do Mal*, partindo de uma crítica ao atomismo da física – a noção de que o mundo é composto por partículas fundamentais indivisíveis (*atomo* significa justamente in-divisível) – Nietzsche nos convoca a “liquidar” a “superstição” do *atomismo da alma*: “a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um *atomon*: essa crença deve ser eliminada da ciência!” (NIETZSCHE, 2005, p. 18). Abre-se assim o caminho para pensarmos uma “alma mortal”, “alma como pluralidade” e, na formulação que julgamos mais interessante: “alma como estrutura social dos impulsos e afetos” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Um pouco mais à frente Nietzsche nos chamará a atenção para o fato de que o corpo – o que é de certo modo mais evidente –

também não é nenhuma unidade auto-idêntica e imutável, mas “uma estrutura social de muitas almas” (NIETZSCHE, 2005, p. 25), compreendidas, é claro, segundo a definição anterior, como estrutura social de impulsos e afetos.

A metáfora do “social” aqui cumpre a função de explicitar que as relações entre os impulsos que nos constituem são dinâmicas e envolvem relações multiniveladas de poder que resultam em – e de – diversos arranjos: coerções, imposições, alianças, dominações, resistências, rebeldias, revoltas, contestações, afinidades, criação, manutenção e transformação de configurações.

Em dois subcapítulos de um livro chamado *Aurora*, que preparam o terreno para as investigações psicanalíticas de Freud, Nietzsche descreve com minúcia as relações de poder entre nossos impulsos. No subcapítulo “Autodomínio e moderação, e seu motivo último”, Nietzsche apresenta um esboço de seis métodos para combater as exigências insistentes de um impulso. O primeiro consiste em “evitar as ocasiões para satisfazer o impulso e, através de longos, cada vez mais longos períodos de não-satisfação, enfraquecê-lo e fazê-lo secar” (NIETZSCHE, 2004, p. 76). A abstinência, portanto. O segundo método seria o estabelecimento de uma regularidade bastante precisa para a satisfação do impulso. “Ao impor-lhe dessa forma uma regra e colocar seu fluxo e refluxo em firmes limites de tempo, ganha-se intervalos em que ele não mais incomoda” (NIETZSCHE, 2004, p. 76). O terceiro método abre as portas para dar vazão ao impulso até desgastá-lo, digamos assim, até que ele deságue em nojo, tédio ou exaustão. Trata-se de “entregar-se deliberadamente à satisfação selvagem e irrefreada de um impulso, para vir a ter nojo dele e, com este nojo, adquirir poder sobre o impulso” (NIETZSCHE, 2004, p. 76). O inconveniente desse método é que o impulso, em sua satisfação irrestrita, tenderá a desgastar não apenas a si mesmo, mas todo o sistema fisiológico-pulsional-afetivo que compõe nossa existência. O quarto método consiste no “artifício intelectual” de ligar imagens negativas – que evoquem medo, vergonha ou tristeza, por exemplo, à satisfação do impulso:

por exemplo, quando o cristão se acostuma a pensar na presença e na zombaria do Diabo, no momento do prazer sexual, ou no eterno castigo do inferno para um assassinato por vingança, ou simplesmente no desprezo que causaria um furto de dinheiro, por exemplo, nas pessoas que ele mais venera, ou, como muitos já zeram tantas vezes, quando alguém contrapõe a imagem do choro e auto-recriminação de parentes e amigos ao veemente desejo de suicídio, e com isto se mantém no limiar da vida: — agora estas idéias se sucederão nele como causa e efeito (NIETZSCHE, 2004, p. 77)

O quinto método opera um “deslocamento de suas quantidades de energia, ao impor-se um trabalho particularmente duro e cansativo ou sujeitar-se deliberadamente a um novo estímulo e prazer, guiando assim para outros canais os pensamentos e o jogo das forças físicas” (NIETZSCHE, 2004, p. 77). Trata-se de gastar em outra atividade a energia ou a

excitação necessárias para a satisfação do impulso. E o sexto método elencado por Nietzsche, talvez o mais radical de todos, investe no enfraquecimento e opressão generalizada de todas as nossas forças físicas e psíquicas, “como faz, por exemplo, quem priva de alimento sua sensualidade, e com isso também faz definhar e arruina seu vigor e, não raro, seu entendimento, à maneira do asceta” (NIETZSCHE, 2004, p. 77).

Além de interessante por si mesma, a descrição dos métodos pelos quais se domina um impulso tem especial interesse para nós quando consideramos o que Nietzsche nos lembra logo em seguida: não há nenhum centro de comando racional e consciente controlando esse processo. Impulsos diferentes brigam entre si, disputam espaço, tempo e energia, lutam pelo comando – ainda que momentâneo – do sistema. “Querer combater a veemência de um impulso não está em nosso poder, nem a escolha do método, e tampouco o sucesso ou fracasso desse método” (NIETZSCHE, 2004, p. 78). As razões e motivos que nos chegam à consciência são na verdade um fenômeno superficial, um artifício mobilizado na guerra dos próprios impulsos entre si:

Em todo este processo, claramente, nosso intelecto é antes o instrumento cego de um outro impulso, rival daquele que nos tormenta com sua impetuosidade: seja o impulso por sossego, ou o temor da vergonha e de outras más conseqüências, ou o amor. Enquanto “nós” acreditamos nos queixar da impetuosidade de um impulso, é, no fundo, um impulso que se queixa de outro; isto é: a percepção do sofrimento com tal impetuosidade pressupõe que haja um outro impulso tão ou mais impetuoso, e que seja iminente uma luta, na qual nosso intelecto precisa tomar partido (NIETZSCHE, 2004, p. 78)

É partindo dessa compreensão que, mais à frente, Nietzsche abre o subcapítulo *Viver é inventar* da seguinte maneira:

Por mais longe que alguém leve seu autoconhecimento, nada pode ser mais incompleto do que sua imagem da totalidade dos impulsos que constituem seu ser. Mal conseguirá dar o nome dos mais grosseiros entre eles: o número e a intensidade deles, o fluxo e refluxo, o jogo recíproco e, sobretudo, as leis de sua alimentação, permanecem inteiramente desconhecidas para esse alguém. (NIETZSCHE, 2004, p. 88)

Nossas vivências diárias constituem uma espécie de campo de jogo para os diversos impulsos. Sempre à espreita, eles lutam entre si pela oportunidade de aproveitar uma vivência para se extravasar. Essas lutas, sempre em relação com as circunstâncias do nosso mundo, acabarão por levar alguns impulsos ao definhamento e à inanição, enquanto outros acabarão faturando uma alimentação excessiva.

Nossas experiências (...) são todas, neste sentido, meios de alimentação, mas distribuídos com mão cega, sem saber quem passa fome e quem está saciado. (...) Expresso de modo mais claro: supondo que um impulso se ache no ponto em que deseja satisfação — ou exercício de sua força, ou desafogo dela, ou preenchimento de um vazio — é tudo linguagem figurada —: ele considera, em cada evento do dia, como pode utilizá-lo para seus fins; se o indivíduo corre, descansa, lê, irrita-se, luta, fala ou exulta, o impulso como que tateia, em sua sede, todo estado em que se acha ele, e, se ali nada encontra para si em geral, tem de esperar e continuar sedento: ainda um momento e ele se debilita, mais alguns dias ou meses de não-satisfação e ele murcha, como uma planta sem chuva. (NIETZSCHE, 2004, p. 89)

Antecipando um importante tema freudiano, Nietzsche especula que, diferentemente do impulso da fome, que não se contenta com “comida sonhada”, a maioria dos nossos impulsos procura se satisfazer a partir de fantasias e, durante o sono, através dos sonhos. Se os sonhos variam tanto de noite para noite ou de tempos em tempos é porque impulsos famintos diversos aproveitam a ocasião e interpretam à sua maneira os estímulos nervosos e movimentos fisiológicos disponíveis. Para nós que já dispomos de bem desenvolvidos estudos psicanalíticos ressaltando o papel fundamental da fantasia na vida psíquica, valeria ainda lembrar a Nietzsche que, mesmo o impulso da fome não se satisfaria com uma ração nutritiva diária qualquer. Ele também exige, de certa maneira, sua “comida sonhada”. No seu modo de funcionamento fundamental, a vida desperta transcorre como a vida dos sonhos: impulsos inconscientes diversos interpretam as circunstâncias e estímulos de acordo com as suas (deles) necessidades. Nietzsche oferece um exemplo corriqueiro: o fato de alguém rir de nós em alguma ocasião.

conforme esse ou aquele impulso estiver no auge em nós, este acontecimento significará isso ou aquilo para nós (...). Uma pessoa o toma como uma gota de chuva, outra o afasta de si como um inseto, outra vê aí um motivo para brigar, outra examina sua própria vestimenta, para ver se algo nela dá ensejo ao riso, outra reflete sobre o ridículo em si, outra sente-se bem por haver contribuído, sem o querer, para a alegria e a luz de sol que há no mundo — e em cada caso houve a satisfação de um impulso, seja o da irritação, o da vontade de briga, da reflexão ou da benevolência. Esse impulso agarrou o incidente como uma presa: por que justamente ele? Porque estava à espreita, sedento e faminto. — (NIETZSCHE, 2004, p. 90)

E complementa ainda com o exemplo de um evento inesperado ao qual reagimos imediatamente. Quem comandará a reação será o impulso dominante no momento. No entanto, se nos avisam com bastante antecedência que teremos de performar de uma determinada maneira, seremos tomados pela imaginação de diversos cenários e possibilidades, experimentaremos ansiedade e, na hora, talvez tudo ocorra tal como não gostaríamos que ocorresse. O problema nesse caso é que “naquele ínterim, todos os impulsos possíveis teriam tido tempo de imaginar a experiência e comentá-la” (NIETZSCHE, 2004, p. 91).

Já terá ficado claro que a convivência entre os impulsos que nos constituem não é tranquila e pacífica. Há uma espécie de impulso ou pulsão fundamental que co-move todas as pulsões. Um impulso fundamental que Nietzsche chama de *vontade de poder* e que faz com que sejamos um campo de batalha de pulsões em luta. “Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica, cada uma tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões” (NIETZSCHE, 2008, p. 260).

O que costumamos chamar de razão e consciência são apenas a ponta de um iceberg cujas reais proporções estamos distantes de conhecer, pois sua base e a maior parte da sua estrutura encontram-se submersas. A vida consciente, a razão, a lógica, o pensamento consciente, o que chamamos de conhecimento, são apenas efeitos de superfície do

longo embate conflituoso de instintos e impulsos diversos, diferentes, contraditórios que se entrecortam e entrecruzam.

Por longo período o pensamento consciente foi tido como o pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós. (NIETZSCHE, 2012, p. 166)

Muitas dessas “forças” e “impulsos” necessários à atividade racional e consciente atuaram isoladamente, por longo tempo, “como venenos”: “o impulso de duvidar, de negar, o de aguardar, o de juntar, de dissolver. Muitas hecatombes humanas ocorreram, até esses impulsos chegarem a aprender sua coexistência” pondo-se a serviço de “uma força organizadora dentro de um ser humano” (NIETZSCHE, 2012, p. 112). “Assim como o ato de nascer não conta no processo e no progresso geral da hereditariedade, também 'estar consciente' não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo”. Há uma herança instintivo-pulsional atuante no fundo dos processos conscientes, de modo que “a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas”. O pensamento consciente é “secretamente guiado e colocado em certas trilhas” pelos instintos e impulsos (NIETZSCHE, 2005, p. 11).

Portanto, ao invés de pensar o “eu” como unidade, simplicidade, identidade, indivisibilidade e eternidade da alma imaterial temos o “eu” como rede de relações de poder entre instintos, impulsos, afetos e circunstâncias de todo tipo. O eu não é de maneira alguma o centro de comando desse processo relacional, mas seu *efeito*. Cada um de nós é efeito das “estruturações sociais” que vão se estabelecendo nessa rede dinâmica de impulsos e circunstâncias vindos de tempos e lugares diferentes, com origens e objetivos diferentes, com intensidades e velocidades diferentes, com rotinas “alimentares” diferentes. Para utilizar os termos da teoria da complexidade, na interação desses diversos impulsos e circunstâncias vão *emergindo* configurações dinâmicas e complexas, isto é, nas quais o todo não é redutível a nenhuma das partes isoladamente e nem mesmo à soma simples entre as partes. Nas performances existenciais de cada um trata-se de modos de organização e de funcionamento que só tomam forma na interação dos impulsos e circunstâncias.

Nossos modos de ser e de agir jamais se reduzem ao fato de termos em nós um determinado impulso isolado, uma determinada constituição fisiológica, nem se reduzem ao fato de termos nascido justamente em tal local, em tal contexto sociopolítico, em determinadas circunstâncias materiais-econômicas, no âmbito de uma família específica que nos forneceu um determinado regime de primeiros cuidados, nem se reduzem ao fato de termos frequentado justamente tais instituições de ensino, de terem nos passado como verdades alguns valores propagados pelas religiões vigentes em nosso tempo e nosso

lugar, nem ao fato de termos estabelecido justamente as relações afetivas que estabelecemos com as pessoas com as quais convivemos, nem se deverão apenas ao fato de terem se inscrito em nossa rede afetiva determinados “gostos” estéticos etc. No entanto, a interação de todos esses elementos fará emergir determinados modos de ser e de agir que se farão então “nossos”. A interação entre todos esses elementos construirá para cada um de nós uma trajetória existencial absolutamente *singular*.

A FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE A DITADORA DA IDENTIDADE E A MA- ESTRINA DA SINGULARIDADE

Conhecemos bem os projetos educacionais advindos da tradição racionalista ocidental. Trata-se de fortalecer a razão a fim de dominar os impulsos, os afetos e o corpo. Trata-se de formar sujeitos críticos e reflexivos que possam construir uma vida individual e social baseadas nas noções de autonomia e liberdade. Já deve ter ficado claro até aqui que ao pensar o humano como multiplicidade complexa de impulsos, afetos e circunstâncias interativos e interconstitutivos, nenhum desses projetos se sustenta. A razão é apenas uma ferramenta dos impulsos e a pretensão de fortalecê-la a ponto de que possa controlá-los parecerá tão desmedida e absurda quanto a proposta de fortalecer um peixe para que possa controlar o oceano ou fortalecer um pássaro para que possa controlar as correntes de ar. Tanto a noção de auto-nomia, o dar-se leis racionalmente estabelecidas, que é a própria noção moderna de liberdade, quanto o suposto livre-arbítrio têm sua base na concepção que toma a essência humana como centro de comando racional e consciente. Efeito do jogo e da luta entre impulsos e circunstâncias o humano não pode ser verdadeiramente “livre”, nem estabelecer racionalmente as verdadeiras leis do seu próprio modo de ser e de agir.

Rimos daquele que saiu de seu aposento no minuto em que o Sol deixa o dele, e diz: “Eu quero que o Sol se ponha”; e daquele que não pode parar uma roda e diz: “Eu quero que ela rode”; e daquele que no ringue de luta é derrubado, e diz: “Estou aqui deitado, mas eu quero estar aqui deitado!”. No entanto, apesar de toda a risada, agimos de maneira diferente de algum desses três, quando usamos a expressão “eu quero”? (NIETZSCHE, 2004, p. 92)

Que tipos de concepções de formação humana poderiam então advir da imagem de humano que acabamos de apresentar? O que se trata de transmitir aos professores do futuro se não nos sentirmos mais confortáveis em dizer que o sentido da sua prática é formar sujeitos críticos e reflexivos? Tentaremos encaminhar algumas respostas a partir daqui.

Efeito da interação de impulsos e circunstâncias cada um de nós existe de maneira absolutamente singular. Como diz Nietzsche

No fundo, todo ser humano sabe muito bem que, sendo um *unicum*, só estará sobre a terra uma única vez e que não haverá uma segunda vez em que um acaso igualmente notável vá fundir uma diversidade tão maravilhosamente matizada na unidade que ele é: ele sabe disso, mas o esconde de si como se escondesse uma má consciência — por quê? Por medo do próximo, que exige a convenção e com ela se protege. (NIETZSCHE, 2018, p. 13)

A formulação de Nietzsche é curiosa. Afirma que somos absolutamente singulares, mas que essa singularidade se esconde – até de nós mesmos. Esse esconder-se parece ter a ver, primordialmente, com circunstâncias socioculturais, representadas na passagem citada pelo “próximo” e pela noção de “convenção”.

Circunstâncias socioculturais podem atuar como *circunstâncias ditadoras*, aquelas que traçam uma rígida barreira moral entre o bem e o mal, o certo e o errado, segundo a sua própria tábua de avaliação. Uma circunstância ditadora tentará impor sua própria forma de avaliação a todo o nosso sistema de impulsos e afetos. Tentará impor, através de rígidos mecanismos de repressão, que apenas alguns grupos de impulsos e afetos se expressem. Os impulsos e afetos considerados “errados”, “feios” ou “maus” por uma circunstância ditadora serão duramente reprimidos, sufocados, soterrados. Circunstâncias ditadoras são fundamentalmente moralistas.

Como diz Nietzsche:

Amor e ódio, gratidão e vingança, bondade e cólera, dizer-sim e dizer-não pertencem um ao outro. Não se é bom senão ao preço de também saber ser mau; e sem ser mau não se saberia ser bom. De onde provém aquela doença e não natureza ideológica que rejeita essa duplicidade –, que ensina como, sendo superior, ser capaz só pela metade? De onde provém a hemiplegia da virtude, que é uma invenção do homem bom? A exigência dirige-se a que o homem se castre daqueles instintos que podem torná-lo hostil, daninho, colérico, buscar vingança... A essa não natureza corresponde então aquela concepção dualista de um ser meramente bom e de um ser meramente mau (Deus, espírito, homem), sendo que ao primeiro são somadas todas as forças, intenções e estados positivos e ao último todas as forças, intenções e estados negativos. – Uma tal maneira de avaliar crê-se, com isso, “idealista”; ela não hesita em postular uma suprema desejabilidade na concepção “do bem”. Dirigindo-se ao seu apogeu, figura, então, para si um estado no qual todo o mal se encontra anulado e no qual, em verdade, restaram apenas as criaturas boas. Portanto, ela não toma nem uma vez por constituído que aquela oposição de bem e mal se condicione reciprocamente; pelo contrário, o último deve desaparecer e o primeiro deve permanecer; um deles tem direito de ser, já o outro não deveria absolutamente existir... (NIETZSCHE, 2008, p. 191)

Circunstâncias ditadoras negam a singularidade humana e investem intensamente na formação de identidades fechadas a partir de uma definição prévia quanto ao que o humano em geral deve ser. A identidade traça um círculo fechado e procura circunscrever nossa experiência existencial em conjuntos pré-estabelecidos. Uma belíssima passagem de Guattari e Rolnik ilustra a diferença fundamental entre identidade e singularidade:

Identidade e singularidade são duas coisas completamente diferentes. A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a

quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários. Essa referenciação vai desembocar tanto no que os freudianos chamam de processo de identificação, quanto nos procedimentos policiais, no sentido da identificação do indivíduo – sua carteira de identidade, sua impressão digital, etc. Em outras palavras, a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável. Quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas; nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social; nós a vivemos com representações de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento. O que é verdadeiro para qualquer processo de criação é verdadeiro para a vida. Um músico ou pintor está mergulhado em tudo o que foi a história da pintura, em tudo o que a pintura é em torno dele e, no entanto, ele a retoma de um modo singular. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, pp. 68-69)

Circunstâncias ditadoras tentarão constantemente *consertar* o sistema existencial que cada um de nós é. Tentarão calar, sufocar, suprimir ou eliminar impulsos e circunstâncias consideradas indesejáveis ou degeneradas. No entanto, trazendo em nosso auxílio uma compreensão freudiana fundamental, pulsões reprimidas não ficam quietas, nem muito menos desaparecem. As pulsões impactam o psiquismo com uma “força constante” e, portanto, diante da repressão, elas continuarão insistindo e procurando caminhos alternativos de expressão. Alguns desses caminhos alternativos de expressão das pulsões reprimidas são, como diz Freud, sonhos, chistes, atos falhos ou formações de sintomas que nos fazem sofrer sem que nem mesmo saibamos por quê. Algo parecido com o que Nietzsche descreve na seguinte passagem:

Em toda parte em que predominou a doutrina da pura espiritualidade, ela destruiu, com seus excessos, a força nervosa: ela ensinou a menosprezar, negligenciar ou atormentar o corpo, a desprezar e mortificar o próprio homem por causa de seus instintos; ela gerou almas ensombrecidas, tensas, oprimidas — que acreditavam, além disso, conhecer a causa do seu sentimento de miséria e poder talvez eliminá-lo! “Ela tem de estar no corpo! Ele ainda floresce em demasia!” — desse modo concluíram, enquanto, na verdade, ele elevava protestos e protestos, com suas dores, contra o seu perpétuo escarnecimento. (NIETZSCHE, 2004, p. 39)

Essa imagem de um corpo afetivo reprimido protestando com suas dores contra repressões impostas faz lembrar as formações sintomáticas sobre as quais a psicanálise se debruçou.

Pulsões reprimidas, ou bem re-voltam-se contra o próprio sistema, passando a descarregar sua energia na forma de autotortura – como autorrecriminação e culpa – ou então procuram um outro caminho alternativo de satisfação: em nome da própria moral que as reprimiu empenham-se na perseguição violenta contra todos aqueles que desviam – ou melhor, divergem – dessa moral – os pecadores, os subversivos, os infiéis, os “outros”. Circunstâncias ditadoras são, portanto, agentes de padronização, de reprodução das mesmas estruturas estabelecidas, de identificação em torno de definições pré-fabricadas e de perseguição violenta aos divergentes. Um dos desafios para a formação dos futuros professores é, portanto, provocar a suspeita em relação às circunstâncias ditadoras.

É verdade que sem circunstâncias ditadoras há o perigo da anarquia dos impulsos, da desagregação e de uma oscilação sem fim numa multiplicidade de direções que não chega a construir nenhuma obra. No entanto, há ainda uma outra maneira de articulação e coordenação dos impulsos que nos constituem. Nietzsche nos dá algumas pistas na seguinte passagem de *Aurora*:

Pode-se lidar com os próprios impulsos como um jardineiro, e, o que poucos sabem, cultivar os germens da ira, da paixão, da ruminância, da vaidade, de maneira tão fecunda e proveitosa como uma bela fruta numa latada. Pode-se fazer isso com o bom ou o mau gosto de um jardineiro, e como que ao estilo francês, inglês, holandês ou chinês; pode-se também deixar a natureza agir e apenas providenciar aqui e ali um pouco de ornamentação e limpeza, pode-se, enfim, sem qualquer saber e reflexão, deixar as plantas crescerem com suas vantagens e empecilhos naturais e lutarem entre si até o fim — pode-se mesmo ter alegria com esta selva, e querer justamente essa alegria, ainda que traga também aflição. (NIETZSCHE, 2004, p. 278)

Neste aforismo Nietzsche afirma que “tudo isso temos liberdade para fazer”. Faltaria lembrá-lo daquela compreensão que aparece no início do livro: a de que justamente não somos livres para escolher encorajar ou inibir um impulso. Trata-se sempre de impulso encorajando impulso ou de impulso contra impulso utilizando nossa percepção consciente como ferramenta.

Se não se trata de fortalecer o “eu” ou a razão a fim de controlar este processo, trata-se então, em nossa concepção, de *disponibilização* – como diria o psicanalista MD Magno. Ao invés da ilusão de controle, a disponibilização para que uma *circunstância maestrina* possa assumir a *regência* do nosso sistema de impulsos, afetos e circunstâncias. A circunstância maestrina faz as vezes de um “parangolé regente” (MAGNO, 2003, p. 111), para usar uma expressão que MD Magno cunhou em 2001, mas pouco desenvolveu. A circunstância maestrina sim – e não o “eu” – poderá atuar como o jardineiro de que fala Nietzsche, cultivando e utilizando todo tipo de impulsos e circunstâncias que nos constituem para gerar frutos – bons? Ruins? Dependerá do paladar de cada um.

Mas a metáfora da música nos parece ainda mais acertada do que a da jardinagem. Uma música é feita de muitos instrumentos diferentes, feitos de muitos materiais diferentes, capazes de emitir muitos timbres, notas e acordes diferentes. Quanto mais instrumentos, timbres, notas e acordes maior o desafio para o maestro, mas maior também a riqueza e a complexidade da orquestra. A preocupação de um maestro não será calar, suprimir ou destruir instrumentos ou timbres e sim reger os mais diversos instrumentos e timbres com os quais puder contar. Da mesma maneira, a circunstância maestrina não tentará suprimir impulsos e circunstâncias constitutivos do nosso sistema existencial. Ela tomará todo e qualquer impulso – mesmo os socialmente considerados mais baixos, impuros, sombrios ou

terríveis – como matéria-prima para a composição artística. Ela tentará explorar e potencializar cada instrumento, cada timbre, cada impulso, cada circunstância a fim de compor uma sinfonia absolutamente singular.

Nesse ponto podemos trazer em nosso auxílio a psicanálise de MD Magno, que toma a música como metáfora fundamental.

Freud criou a psico-análise, sua metáfora era química. Toma-se uma formação química e se a decompõe em suas partes para entender qual é sua com-posição, sua com-sideração interna. É a mesma coisa que se chama de análise musical: toma-se um conjunto de sons para estabelecer quais são as correlações entre alturas, timbres, melodias, formas, etc., o que não é senão o entendimento de sua com-posição. (MAGNO, 2003, p. 108)

Cada um de nós é uma composição musical feita da interação complexa de timbres e instrumentos, isto é, impulsos e circunstâncias diversos. Boa parte do trabalho psicanalítico é aprender a ouvir a música do analisando:

Do ponto de vista da postura psicanalítica, o que interessa é a posição mística, de distanciamento do mundo, mas, no que lidamos com as formações, temos que ter ouvido para escutar a música. Qual música está tocando? Ou seja, escutamos a sequência das formações trazidas pelo analisando. Tentamos ver se há um algoritmo que possamos repetir e tocar a música dele. Em seguida, é preciso de muito tempo de escuta para sacar qual é a composição dessa formação chamada analisando que ali está. O que importa nas formações é serem uma composição. (MAGNO, 2021, p. 48)

Magno chega a dizer que a própria “cura” num processo analítico é aprender a tocar a própria música:

Um dia, a pessoa aprende a própria música e resolve tocá-la. Se a análise funciona, o analisando saca sua música e passa a tocar aquela que é a sua. Isto é a Cura: parar de tocar a música dos outros. Ele toma seu sintoma e faz um concerto, um concerto bonito. A maioria passa a vida cantando música dos outros (MAGNO, 2021, p. 52)

Traduzindo em nossos termos, poderíamos dizer: cada um de nós é uma composição absolutamente singular de impulsos e circunstâncias. No entanto, sob o domínio de circunstâncias ditadoras – “colonizadoras”, como diz Magno (2007) – nos deixamos aprisionar nos círculos fechados das definições identitárias pré-fabricadas. No entanto, se os impulsos e circunstâncias dominados se rebelam, contestam o poder da circunstância ditadora e nos disponibilizam para a regência por uma circunstância maestrina, ao invés de ficar repetindo a música dos outros, ao invés de ficar repetindo a mesma marcha com os mesmos repetitivos timbres e ritmos monotemáticos que as circunstâncias ditadoras impõem, começaremos a expressar nossa própria singularidade como composição existencial sinfônica regida por uma circunstância maestrina. Ao invés de procurar consertar a nossa existência, o que será sempre a ambição das circunstâncias ditadoras, o impulso fundamental da circunstância maestrina será o de *concertar* nossa existência: produzir um concerto absolutamente singular a partir do máximo possível de impulsos e circunstâncias que nos constituem.

As artes, os esportes, as ciências e a filosofia tendem a ser boas circunstâncias maestras. Elas não impõem de saída uma moral. Elas são capazes de acolher e mobilizar uma incrível complexidade de impulsos, afetos e circunstâncias que constituem a rede da nossa existência. Sob a regência da pintura, da literatura, do cinema, da corrida, da química ou da criação filosófica nossos impulsos, afetos e circunstâncias mais diversos, mesmo aqueles mais sombrios, mesquinhos e terríveis, mas também os mais solares e sutis podem ser mobilizados em prol de uma composição singular. É na composição de uma obra artística, esportiva, científica, filosófica (e o que mais puder se apresentar como circunstância maestra), que expressamos uma ética verdadeiramente afirmativa: afirmativa de tudo aquilo que nos compõe, afirmativa da nossa absoluta singularidade. É no exercício criativo de composição das circunstâncias maestras que podemos verdadeiramente “nos tornar quem somos”, para usar uma famosa expressão de Nietzsche.

Não devemos nos enganar, no entanto, quanto ao seguinte: as circunstâncias maestras não são menos exigentes do que as circunstâncias ditadoras. Afinal, não são os maestros também conhecidos por sua rigidez? Elas nos farão *discipulus* e imporão uma rígida disciplina ao sistema de impulsos e afetos que constitui nossa existência. Além do mais, seu compromisso não será com a “felicidade”, a “saúde” ou o “sucesso”, tal como o senso comum os compreende. Seu compromisso será com a composição de um concerto existencial absolutamente singular. Mas, se esse pensamento causa algum estranhamento, seria talvez o caso de perguntar: por acaso aquelas circunstâncias ditadoras que nos prometem felicidade, saúde e sucesso podem efetivamente cumprir sua promessa? Ou elas usam essas promessas justamente para fins de dominação e controle?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro Schopenhauer Educador, Nietzsche nos conta o que esperava, em sua juventude, de um filósofo educador e que teria encontrado, finalmente, na obra de Schopenhauer:

Onde encontramos a totalidade harmônica e o concerto de muitas vozes em uma única natureza? onde admiramos mais a harmonia do que naqueles homens (...) nos quais tudo — conhecimento, desejo, amor, ódio — anseia por um ponto de convergência, por uma raiz comum? e nos quais se forma um sistema harmônico de movimentos em todas as direções devido justamente a um poder superior, próprio a esse centro vivo, que compele e domina? (...) Aquele filósofo educador com o qual eu sonhava não iria apenas descobrir a força central, mas saberia também evitar que ela agisse destrutivamente em relação às outras forças: na verdade, a tarefa da sua educação seria, assim me parecia, moldar o homem inteiro como um sistema solar e planetário e movente, e descobrir a lei de sua mecânica superior. (NIETZSCHE, 2018, p. 20)

Em nossos tempos, o educador não será, no entanto, o maestro do processo. Talvez o grande desafio para professores seja se fazerem aliados das circunstâncias maestras da existência. Professores podem ser agentes das circunstâncias ditadoras, reprodutores de valores estabelecidos, replicadores de círculos identitários – como frequentemente são – ou podem ao menos tentar se abrir para a possibilidade de se tornarem mensageiros das circunstâncias maestras. Elas então se encarregarão, se houver disponibilidade, da regência, do concerto, da harmonia, da expressão das singularidades.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Uma dificuldade da Psicanálise*. In: Obras completas v. 14 (1917-1920). São Paulo: Cia das Letras, 2010
- GUATTARI, F; ROLNYK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996
- HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1999
- MAGNO, MD. *Revirão*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003
- MAGNO, MD. *SoPapos 2019*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2021
- MAGNO, MD. *Clavis Universalis*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007
- NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Cia das Letras, 2004
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia das Letras, 2005
- NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. São Paulo: Contraponto, 2008
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2012
- NIETZSCHE, F. *Schopenhauer Educador*. São Paulo: Madalena, 2018
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005